

O "PACIENTE" POBRE*

CÉSAR WAGNER DE LIMA GOÍŠ**

RESUMO

Trata-se de uma reflexão psicossocial posicionada na necessidade de uma maior aproximação humana e técnica dos profissionais de Psicologia e Psiquiatria em relação à maioria do povo brasileiro. Procura também enfatizar a importância das Ciências Sociais e da prática popular como fontes conceituais, metodológicas e instrumentais, para um repensar da Psicoprofilaxia e da Psicoterapia.

Quero falar aqui do pobre, da classe oprimida, moradora dos bairros periféricos, das penitenciárias, dos manicômios, dos asilos e dos cemitérios. Falar da sua vida, de sua existência, que, sob certos aspectos, não lhe pertence. Ela é fruto da manipulação institucional e econômica. Sua trajetória de vida é definida do nascer ao morrer dentro da miséria, da ignorância, da violência e da marginalização social, política e econômica. Nasce na miséria, vive na perseguição e morre no anonimato ou na indigência. Sua pobreza é geral — tiram-lhes a possibilidade de viver, de desfrutar dos bens e alimentos; procuram destruir sua voz e sua capacidade de transformar-se e à realidade em que vive.

É desse "mundo absurdo" que vem a maioria dos "loucos" dos nossos manicômios. Vem da pobreza dos bairros periféricos e das favelas, da miséria do sertão, das penitenciárias, das FEBEMs e orfanatos. Vem da fome e da violência que se abate sobre o povo pobre do mundo. Vem de um lugar humilde, de uma casa pequena e abarrotada de gente dormindo num confuso entrelaçamento de redes. Vem da fé alienante e da exploração nas fábricas. Vem do fundo do poço social.

* Parte desse artigo foi apresentada na jornada de Psiquiatria do Ceará, 1984.

** Psicólogo, Professor do Departamento de Psicologia da UFC e Vice-Presidente da Associação Latino-Americana de Biodança.

Vem de uma subcultura de sobrevivência, de um meio cultural onde se criam estratégias para sobreviver nas piores condições a que um ser humano pode ser submetido.

Essa é, em geral, a origem da maioria "louca" das nossas instituições psiquiátricas.

O pobre torna-se louco e passa a ser o único responsável por sua "doença". "Ele é o louco, é responsável por sua loucura, deve ser tratado por esse pecado num lugar frio e descaracterizado de humanidade, com drogas, choques, camisas-de-força, confinamento e psicoterapia", essa é a acusação dos dominantes.

A loucura é diagnosticada e o pobre é numerado com a máxima eficiência, de acordo com o "Grande Código da Psiquiatria".

Assim o pobre é transformado em louco e passa a se chamar "PACIENTE", isto é, aquele que é conformado, que é resignado. Daí para a frente perde seu próprio rumo e passa a ser um código manipulado pelo poder psiquiátrico. Tiram-lhe a comunicação, o espaço, o tempo, a sexualidade, e a própria noção de ser.⁽¹⁾

O contexto do pobre, sua cultura, suas raízes, seus costumes, seus símbolos, mitos e crenças, sua casa, seu bairro, seus valores, etc., são rejeitados e substituídos pela cultura psiquiátrica ou de "tratamento", caracterizada pela frieza das relações, pelo individualismo, pela competição entre profissionais, pelo distanciamento, onde o espaço e o tempo desaparecem.

É nesse contexto de hegemonia psiquiátrica que o pobre vai ser "tratado" e "curado".

Não queremos negar a existência de distúrbios psicológicos na classe oprimida, mas evidenciar a ruptura agressiva e desumana entre a origem e o contexto do pobre e a "cultura psiquiátrica". Evidenciar, também, a impropriedade do diagnóstico e do tratamento da psiquiatria oficial, pois não leva em consideração todo um código existencial, cultural e comunicacional do oprimido. Negando ou desqualificando esse código, o que se perpetua é o controle e o aniquilamento de sua identidade, realizados pelo poder psiquiátrico. A consequência é o aparecimento de um "estado paciente".

A razão de tudo isso não pode ser creditada apenas à Psiquiatria e à Psicologia, mas a toda uma lógica de dominação e destruição da classe oprimida.⁽²⁾

Mas não é por isso que o Psicólogo e o Psiquiatra devem permanecer omissos.

O QUE FAZER?

Penso que, em termos específicos, seja necessário repensarmos nossos modelos e práticas psicológicas e psiquiátricas, bem como perguntarmos a nós mesmos se estamos sendo justos na relação e na convivência com o pobre transformado em "louco".

(1) Moffatt, Alfredo: "Psicologia do Oprimido". Cap. 1, p. p. 15, 41, São Paulo, Editora, 1980.

(2) Ver artigo do mesmo autor, "Por uma Psicologia Popular", *Revista de Psicologia*, vol. (1) do Departamento de Psicologia da UFCE, 1984.

Em termos gerais, penso que o caminho é o da luta pela socialização econômica e política, na qual até o "paciente psiquiátrico" pode participar dentro das instituições em que estão.

Por outro lado, o repensar de modelos e práticas psicológicas requer a simultaneidade da luta pela socialização econômica e política, em razão dos dois esforços estarem cada vez mais entrelaçados entre si.

Dessa forma é possível compreender a presença maciça e concreta de uma lógica maior que necessita ser modificada em seus alicerces. O desemprego e o alcoolismo, assim como a violência e a loucura do pobre, estão ligados indissoluvelmente ao totalitarismo de mercado*, ao tipo de formação profissional que hoje os profissionais recebem na universidade e à maneira de prestar serviços das instituições.

É uma lógica quase perfeita e profundamente contraditória, inclusive para o próprio sistema hegemônico, pois gera tensão, violência, e ruptura em círculos cada vez mais dramáticos, tanto para a classe pobre como para as demais classes.

Estamos chegando a uma situação de tal forma grave que as soluções específicas vão perdendo cada vez mais a capacidade de modificar alguma coisa. Quando chegarmos ao ponto crítico (se já não estivermos), as soluções terão de ser profundas e abrangentes em todo o sistema social, político e econômico.

Não quero com isso dramatizar a situação do pobre. Quero unicamente apresentar uma realidade que se radicaliza e se espalha por toda a vida nacional.

O que realmente os profissionais de psicologia e psiquiatria estão fazendo? Creio que muito pouco em termos de eficácia.

Existem inúmeras dificuldades institucionais e financeiras para um empreendimento novo na pesquisa e na aplicação de seus resultados, principalmente aqueles voltados para um melhor preparo dos profissionais de Psicologia e Psiquiatria com o fim de lidar com as condições psicossociais do povo brasileiro.

Verificamos também o desinteresse de nossas instituições em permitir e financiarem profissionais comprometidos com a busca de meios mais eficazes para lidar com o quadro psicossocial que se apresenta em suas práticas diárias.

Além disso, a maioria dos profissionais de Psicologia e Psiquiatria está atrás de doenças e sintomas, tratamentos e curas, não enxergando a cristalinidade dos fatos sociais e históricos geradores de problemas psicossociais, que não podem ser reduzidos a conceitos de personalidade, de psicopatologia ou de psicoterapia, nem tampouco solucionados a nível, apenas, do próprio indivíduo.

O analfabetismo, a fome crônica, o nanismo nutricional, a limitação intelectual, o desemprego, a inferiorização cultural, a violência policial, a omissão dos serviços públicos, a exploração imobiliária, a falta de moradia, a deformação da realidade por grupos religiosos, são situações reais formadoras da subjetividade do pobre, de sua estrutura psíquica, de sua personalidade, dos seus comportamentos submissos e violentos, da sua própria "loucura".

* Expressão que caracteriza a definição e o controle das nossas instituições, das nossas leis e das próprias pessoas, por aqueles que detêm o poder econômico.

A repressão psicossocial, econômica e política, instalada no cotidiano e no ser do oprimido, não é compreensível a nível da sexualidade familiar e nem na moral de classe média e de classe alta. Requer para ser compreendida, novos instrumentos de análise psicológica combinados a outros instrumentos como o da luta de classes.

A luta de classes não é um instrumento ideológico fruto de uma doutrina que serve unicamente à causa comunista. É um método científico de análise social, extraído da realidade dos países cuja sociedade é organizada em classes. Vejamos o que Pedro A. Ribeiro de Oliveira (1984) diz:

... a teoria da luta de classes pertence ao discurso analítico, como qualquer teoria sociológica. Ela mostra que nas sociedades de classes (aquelas onde a divisão social do trabalho permite que um grupo se aproprie do produto de trabalho de outro) a ordem social é imposta pela classe dominante; toda sociedade de classes dominantes tem, pois, pelo menos, dois grupos com interesses antagônicos: as classes dominantes (que se apropriam do produto do trabalho) e as classes dominadas (aquelas cujo produto é expropriado). Para que uma sociedade de classes mantenha-se existindo é preciso que as classes dominantes consigam impor de maneira estável a sua dominação. Isto implica que elas recorram não só a violência policial e militar, mas, principalmente, que elas obtenham o consentimento dos dominados à ordem social estabelecida.

Adiante, Pedro Oliveira prossegue: Quando aplicamos a teoria da luta de classes — e não a teoria da estratificação e mobilidade social — é porque desejamos conhecer as contradições fundamentais de uma dada sociedade, aquelas que explicam sua estrutura e seu dinamismo. É ela que nos permite ver a sociedade como rede de relações entre os diversos grupos sociais, cada um com sua força econômica, política, moral e militar, e todas buscando ordenar — a seu modo e conforme seus interesses — o conjunto social. Ao adotar a teoria das classes sociais, optamos por uma análise do conflito, das contradições — que interessa aos perdedores do jogo social. Se, ao contrário, adotássemos uma teoria de estratificação e mobilidade social, estaríamos optando por uma análise de equilíbrio — que interessa a quem está ganhando neste jogo. (O marxismo em questão: a propósito da "instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação", publicado na revista *Comunicação* do ISER, pág. 14 n.º 11, 1984, RJ).

Além disso, precisamos trazer para a nossa prática psicológica ou psicossociológica, o pensar de Paulo Freire, as reflexões e práticas das Comunidades Eclesiais de Base, as representações sociais da classe oprimida, e reconhecer a importância da cultura e do saber populares.

O QUE ESTAMOS FAZENDO

Seguindo essa linha de ação, estamos realizando um trabalho de extensão universitária no Bairro Nossa Senhora das Graças do Pirambu, em Fortaleza, no qual adotamos como proposta teórica as reflexões de Paulo Freire, Rolando Toro e Carl Rogers. Apoiados nessas idéias e em experiências de base da educação popular, dos partidos políticos, das CEBs e das nossas próprias experiências

no Pirambu, trabalhamos com grupos populares⁽¹⁾ formados por: 1. Lideranças Jovens; 2. Conselheiros Comunitários provenientes do Movimento Libertação; 3. Representantes de Quarteirões; 4. Outros moradores.

Nesses grupos são exercitadas a intimidade verbal e não-verbal, e a consciência de si e da realidade sócio-econômica, através das estruturas do Grupo de Encontro,⁽²⁾ do Círculo de Cultura⁽³⁾ e da Comunicação Corporal⁽⁴⁾, dentro de um clima psicossocial de espontaneidade, aceitação, empatia, diálogo e ação comunitária e política.

Queremos ressaltar que a nossa formulação de trabalho, nesses grupos populares, veio da expressão das necessidades dos moradores do bairro em questão, feita por eles mesmos.

O que estamos buscando com esse trabalho? Antes de mais nada, a profilaxia psicossocial através do desenvolvimento pessoal e comunitário. Para isso, pretendemos contribuir para:

1. Aumento da capacidade de auto-estima e influência pessoal dos participantes dos grupos;
2. Fortalecimento da comunicação interpessoal e intergrupual entre eles;
3. Atuação efetiva dos participantes na organização dos quarteirões e do Conselho Comunitário;
4. Ações reivindicatórias e políticas, coordenadas no Bairro pelos participantes dos grupos.

A proposta de atuar com grupos populares em seu próprio local de moradia, prende-se ao fato de ser o seu meio social a base de sua sustentação psicossocial. Dessa forma, passamos a conviver e a compreender as relações que se produzem entre os moradores, suas representações sociais, seu código comunicacional, suas tentativas de sobrevivência, seus valores e crenças, enfim, a sua realidade psicossocial e econômica.

Cremos nesse esforço como um dos suportes psicossociais que ajudarão o oprimido a romper com sua trajetória de vida, definida pelo poder hegemônico, cuja desembocadura é a prisão, morte por assassinato, fome ou infecções fáceis de cura, e a loucura.

(1) Esses grupos surgiram dentro do Movimento Libertação, caminhada de moradores do Bairro Nossa Senhora das Graças do Pirambu, facilitado pelo autor e outros colaboradores. (Vide artigo do autor: "Por uma Psicologia Popular").

(2) Rogers, Carl — "Grupos de Encontros", pp. 25-50.

(3) Freire, Paulo — "Educação como prática de liberdade", pp. 102-103.

(4) Toro, Rolando — Apostilas de Biodança, n.º 1-14.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Freire, Paulo — *Educação como Prática de Liberdade*, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 9.^a Edição, 1979.
- Góis, César Wagner de Lima — Por uma Psicologia Popular, *Revista de Psicologia* do Departamento de Psicologia da UFC, vol (1) — 1984.
- Móffat, Alfredo — *Psicoterapia do Oprimido*, São Paulo, Cortez Editora, 1980.
- Oliveira, Pedro A. R. de — O Marxismo em Questão, publicado nas *Comunicações do ISEB*, Rio de Janeiro, n.º 11, ano 3, 1984.
- Rogers, Carl — *Grupos de Encontro*, São Paulo, Martins Fontes Editora, 3.^a edição, 1979.
- Toro, Rolando A. — *Apostilas de Biodança*, Fortaleza, vols. 1 a 14, Escola Nordestina de Biodança, 1984.